

O INTERCÂMBIO DE PLANTAS NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

Rosa Pinho^{1*}

*rpinho@ua.pt

¹ Curadora do Herbário do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro

RESUMO

A era dos Descobrimentos resultou num vasto conjunto de conhecimentos que, séculos depois, ainda servem de base para investigações enriquecedoras. Para comprovar a descoberta de “novas” terras, os exploradores recorreram aos recursos disponíveis na época, registando as suas observações em crónicas e cartas, além de trazerem produtos representativos dessas regiões. Esse intercâmbio permitiu a introdução de novas plantas em diferentes territórios, impactando significativamente a economia, as técnicas agrícolas e os hábitos alimentares. Os portugueses e espanhóis desempenharam um papel crucial nessa disseminação, contribuindo para a formação de um novo panorama económico e agrícola global.

PALAVRAS-CHAVE

Agricultura, descobrimentos, economia, Espanha, especiarias, plantas, Portugal.



ABSTRACT

The Age of Discovery revealed a vast body of knowledge that, centuries later, still served as the basis for enriching research. To prove the discovery of new lands, explorers used the resources available at the time, recording their observations in chronicles and letters, as well as bringing back products representative of the “new” regions. This exchange allowed the introduction of new plants into different territories, significantly impacting the economy, agricultural techniques and eating habits. The Portuguese and Spanish played a crucial role in this dissemination, contributing to the formation of a new global economic and agricultural landscape.

KEYWORDS

Agriculture, discoveries, economy, plants, Portugal, Spain, spices.

CITAÇÃO RECOMENDADA Pinho R (2024). O intercâmbio de plantas na época dos descobrimentos. *Lucanus* – Revista de Ambiente e Sociedade, Volume VIII, Páginas 180-199.

1 INTRODUÇÃO

As plantas desempenharam um papel preponderante e dinâmico na formação e desenrolar da nossa História. A vida na Terra só se tornou possível pela própria vida das plantas, nesse papel fundamental de absorverem o dióxido de carbono (CO_2) e libertarem o oxigênio (O_2) (Laws 2013).

As plantas sempre nos forneceram combustível, alimento, medicamentos, vestuário e abrigo. Sempre controlaram a erosão da terra e regularam a quantidade de dióxido de carbono e oxigênio que respiramos. Forneceram os combustíveis fósseis que consumimos de maneira excessiva e inspiraram-nos a criar jardins botânicos pelo mundo, a visitar parques e a viajar à procura de paisagens com espécies exóticas e únicas.

O uso das plantas é tão comum no nosso cotidiano que poucas vezes estamos atentos, tanto em relação à origem das plantas que utilizamos, como à influência que elas exercem sobre a nossa cultura e a preponderância que tiveram na nossa História (Bracht & Santos 2011).

A época áurea dos descobrimentos produziu um conjunto magnífico de informações e conhecimentos que, passadas várias centenas de anos, continua a ser a base de uma investigação enriquecedora que, quanto mais avança, mais impressiona (Ferrão 2005).



FIGURA 1 O uso das plantas no nosso cotidiano. 1a – plantas na alimentação, 1b – plantas em infusão, 1c – algodão para vestuário, 1d – madeira para construção.

Os descobridores, para provarem de forma indiscutível o “*achamento*” de novas terras, recorreram aos meios disponíveis na época. Através de crônicas e cartas, descreviam, o melhor que podiam e sabiam, aquilo que observavam e, no regresso, traziam os produtos mais representativos das “novas” regiões descobertas.

A carta mais célebre é a Carta de Pero Vaz de Caminha, considerada o primeiro documento escrito da História do Brasil e classificada pela UNESCO como um dos mais relevantes documentos da História da Humanidade. Datada do dia 1 de maio do ano de 1500, a carta descreve ao Rei de Portugal, D. Manuel I, o que viu o seu autor, a partir do momento em que a armada de Pedro Álvares Cabral achou as terras do Brasil e nelas acostou (Arquivo Nacional Torre do Tombo 2025).

A carta de Caminha, menciona direta ou indiretamente plantas ou associações vegetais. Contém 118 menções, 77 delas são repetições. Excluídas as repetições, são mencionados 45 termos referentes a plantas (Filgueiras & Peixoto 2002).

Por virtude dos descobrimentos, conheceram-se novas plantas, algumas das quais vieram, com o tempo, a assumir uma enorme importância nos locais onde foram introduzidas, de tal forma que modificaram a economia das regiões, provocaram alterações mais ou menos profundas nas técnicas agrícolas e nos hábitos alimentares da população em extensas regiões do globo (Ferrão 2020).

A contribuição dos portugueses e dos espanhóis neste conhecimento e troca de plantas foi muito importante e para isso basta analisar o interesse socioeconómico que muitas daquelas que se introduziram têm hoje em locais fora da sua região de origem.

Pode-se dizer que não há dúvida de que foram os descobrimentos que trouxeram plantas de enorme importância para a formação de um novo enquadramento económico agrícola do mundo.

Nomes como Marco Polo, Infante D. Henrique (o Navegador), Cristóvão Colombo, Bartolomeu Dias, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama são lembrados, em diversos campos do conhecimento, como homens que se aventuraram em terras distantes, descreveram povos de costumes exóticos e viram criaturas fantásticas. Nem sempre nos lembramos de que todos estes exploradores tinham como, grande agente motivador, a busca por aqueles desejados e valiosos produtos de origem vegetal, conhecidos pelo nome genérico de especiarias (Laws 2013).

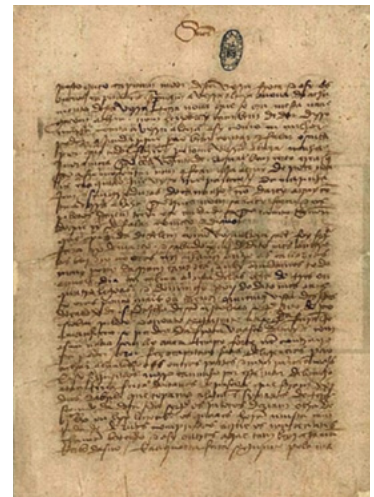
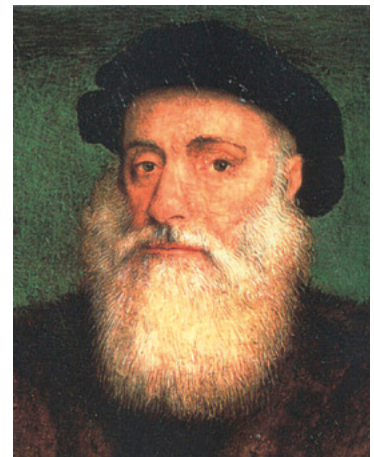


FIGURA 2 Pero Vaz de Caminha e um trecho da carta que escreveu a D. Manuel I, na sequência do achamento do Brasil. Veiga 2021.

Tais produtos tinham grande importância na alimentação do Homem do Renascimento, que não mediu esforços para conseguir dispor na sua mesa e armazenar na sua despensa estas sementes, frutos, verduras, legumes, cascas, polpas, raízes, rizomas, bolbos, tubérculos, talos, grãos, resinas, folhas e ervas (Bracht & Santos 2011).

As rotas comerciais que se iniciavam no Médio e Extremo Oriente (Iémen, Omã, Índia, Indonésia, Sri Lanka, China) cedo trouxeram, até ao Mar Mediterrâneo, produtos magníficos obtidos a partir de plantas exóticas, como as referidas especiarias. Note-se que a definição contemporânea de especiarias é mais restrita do que aquela que os nossos antepassados utilizavam. Para se compreender a diferença basta consultar as listas de produtos que os especieiros vendiam durante a Idade Média e o Renascimento, que até incluíam múmias egípcias, assim como produtos de origem animal e mineral (Carvalho 2019).

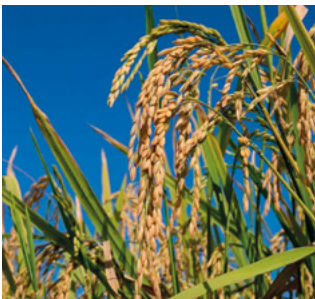


FIGURA 3 Trigo, arroz, batata e milho.

O prestígio das especiarias advinha da sua raridade, dos seus sabores únicos, mas também de tradições que localizavam a sua origem no “*Paraíso Terrestre*”, localizado algures no Oriente. No final da Idade Média, os povos ibéricos iniciaram um programa de expansão marítima que, acreditavam, os conduziria não apenas ao encontro dos cristãos asiáticos e africanos, mas também até aos centros de origem das fabulosas especiarias. De acordo com o *Roteiro* de Álvaro Velho, obra que descreve a viagem de Vasco da Gama (1469-1524) para a Índia (1497-1499), o degredado, enviado para fazer o primeiro contacto com as autoridades de Calecute, quando questionado sobre o que pretendiam os Portugueses, terá afirmado: “*Vimos buscar cristãos e especiarias*” (Carvalho 2019).

Das caravanas da Antiguidade às caravelas dos descobridores, o entra-e-sai de plantas pelos cinco continentes atravessou séculos e revolucionou a alimentação mundial. O intenso trânsito botânico acabou padronizando a dieta. Hoje, a humanidade come, basicamente, o produto de vinte espécies vegetais e apenas três delas — trigo, arroz e milho fornecem metade da comida de todo o planeta (Lucirio 2016).

Não só as plantas alimentares, mas também as ornamentais encontradas no Novo Mundo atraíram os descobridores. O aumento da alfabetização e da cultura impressa foram essenciais para aumentar o interesse da Europa nos jardins botânicos, na história natural e nas transferências de plantas. Uma grande variedade de plantas foi transportada, e desde então existem, em florestas, arboretos, espaços públicos e propriedades privadas. Houve até algumas que mais tarde vieram a revelar-se invasoras (Beinart & Middleton 2009).



FIGURA 4 Cronologia dos descobrimentos portugueses (Wikipedia, 2025a).



FIGURA 5 Cedro-do-bussaco, na Mata Nacional do Bussaco. Esta espécie foi trazida na segunda expedição de Cristóvão Colombo ao Continente Americano e usada como planta ornamental nos conventos carmelitas da Península Ibérica. Fotos de Lísia Lopes.

2 MOTIVAÇÕES PARA OS DESCOBRIMENTOS

Ao longo do século XIV, toda a Europa atravessava uma grave crise económica. Também em Portugal, todos os grupos sociais procuravam expandir-se em busca de uma vida melhor. As motivações para a expansão eram de ordem económica, social e religiosa.

As motivações económicas eram a procura de cereais, cada vez mais escassos na Europa, a procura de especiarias, a procura de outras plantas e animais diferentes dos conhecidos e das terras sem fim, onde tudo pudesse ser cultivado, a procura de metais preciosos (ouro e prata) e a procura de escravos (Ferrão 2005).

As motivações variavam consoante as classes sociais. A coroa ambicionava prestígio internacional através do controlo de novas terras e resolver os problemas económicos e sociais provocados pela diminuição demográfica e pelas guerras com Castela. A nobreza procurava o acesso a novos cargos administrativos e militares e ao alargamento dos seus territórios. A burguesia tinha em vista os novos mercados e produtos. O povo procurava melhorias de vida através da distribuição de terras para cultivar e de novas ocupações.

As motivações religiosas eram difundir a fé cristã numa cruzada contra os Muçulmanos. A bordo das naus iam sempre membros do clero, sobretudo missionários com funções de evangelização.

A situação geográfica de Portugal, a sudoeste da Europa, com a sua faixa litoral voltada para o Atlântico e uma costa recortada com bons portos, era sem dúvida propícia à navegação. O contacto permanente dos portugueses com o mar e a necessidade de com ele viver era como que um fatalismo. Esse contacto fez-nos um povo de marinheiros e pescadores, atraídos pelo desconhecido (Ferrão 2005).

A época dos Descobrimentos constitui a passagem do Velho Mundo ao Novo Mundo, da Europa a toda a Terra.

FIGURA 6 Primeira Missa no Brasil, celebrada por Henrique de Coimbra, frade e bispo português, no dia 26 de abril de 1500. Esta pintura foi feita em 1860 por Victor Meirelles de Lima (1832-1903). Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (Sousa Júnior 2021).



3 O INTERCÂMBIO DE PLANTAS

Em termos científicos, os descobrimentos determinaram uma mudança radical na concepção da Terra e do Universo. Os sábios da época perceberam a imensa diversidade das “coisas” desse mundo. Criaram Jardins Botânicos e Zoológicos, catalogaram plantas, animais e minerais, dissecaram cadáveres humanos, carcaças de animais e mediram o movimento dos astros.

Se pensarmos, por exemplo, na importância que hoje assumem, para o contexto económico agrícola mundial, as culturas do milho, batata, tomate, feijão, tabaco, e outras que chegaram à Europa após os descobrimentos, admitiremos facilmente que as despesas realizadas nesta autêntica epopeia terão sido largamente compensadas, mesmo que não fossem tidas em conta outras vantagens, nas mais variadas áreas do conhecimento.

A troca de plantas também se deu entre a Europa e as novas terras descobertas. Com efeito, com as armadas, seguiram sementes e propágulos de plantas que habitualmente aqui se utilizavam, sobretudo na alimentação, e que se iam progressivamente multiplicando nos locais que se contactava ou onde se permanecia, até porque não eram conhecidos os recursos alimentares aí existentes (Ferrão 2020).

Os portugueses encontraram nas novas terras plantas que desconheciam, resultantes de novas condições ecológicas e de ligações já realizadas entre os povos aí existentes. Os seus usos variavam entre os alimentares, os medicinais, os ornamentais e outros, que resultavam de plantas fornecedoras de matérias-primas industriais, como os corantes: anil, urzela, pau-brasil. Algumas outras não foram capazes de avaliar, numa primeira análise, para que poderiam servir, mas trouxeram-nas porque as populações locais as utilizavam ou as tinham em grande conta, ou porque representavam provas concretas que traziam do “*achamento*” de novas terras (Ferrão & Loureiro 2006).

As viagens às terras recém-descobertas produziram valiosas informações e novos conhecimentos, sendo que a exuberância e a riqueza das florestas nativas, em contraste com a vegetação europeia, desencadearam a busca pelas especiarias, plantas medicinais, agrícolas e ornamentais. O intercâmbio de plantas entre os novos países e a Europa, e vice-versa, era uma constante (Cerati 2006).

No entanto, a influência dos Descobrimentos na introdução nos trópicos de plantas conhecidas e que ocorriam na Europa está bastante menos



FIGURA 7 O pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) tinha esse nome por se extrair dele uma tinta com cor de brasa, avermelhada, usada na Europa para tingir tecidos.

documentada, o que é compreensível porque os cronistas não iriam descrever plantas que eram sobejamente conhecidas nas suas terras (Ferrão 2005).

Ainda assim, há sobretudo informação sobre as trocas com o Brasil. Por exemplo, indícios sugerem que Martim Afonso de Sousa aportou no Brasil com suas naus carregadas de ervas medicinais, plantas de todos os continentes e animais domésticos. Transportara de outras regiões, coentro, gengibre, hortelã, aneto, segurelha, alfavaca, erva-doce, entre outras ervas aromáticas, que rapidamente se adaptaram ao novo clima (Belluzo 2010).

Segundo Cascudo 1983, os portugueses foram agentes distribuidores de espécies alimentares com surpreendente eficiência. Das suas mais longínquas possessões orientais e africanas traziam sementes, raízes, “*mudas*”, bolbos, confinando-os à terra brasileira (Almeida & Rech 2005).

No Brasil, os missionários e jesuítas foram os melhores intérpretes da natureza: ao mesmo tempo que disseminavam a fé cristã, captaram a sabedoria dos nativos e aprenderam a utilizar as suas plantas medicinais (Belluzo 2010).

Neste gigante descoberto pelos portugueses, a ameaça expansionista de outros países como a França e Inglaterra era constante e uma das maiores preocupações era salvaguardar as espécies dos olhares ambiciosos desses concorrentes. Preocupada com a divulgação das mezinhas e outras espécies de plantas, a coroa adotou a política de sigilo real, proibindo terminantemente a divulgação das descobertas e ordenou a destruição das espécies que chegavam de outras colónias portuguesas ao Brasil.

Portugal, temeroso em tornar conhecida a riqueza da flora e da fauna de suas colónias, proibiu que fosse publicado qualquer compêndio, principalmente sobre plantas medicinais. Um bom exemplo, ocorrido na Índia, foi o do médico português Garcia de Orta, de família judia, que se transferiu para a Índia, em meados do séc. XVI, fugindo da Inquisição. Permaneceu nesse país por mais de 30 anos. O seu espírito científico conduziu-o ao estudo



FIGURA 8 Carregamento do pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) (Cruz 2015).

sistemático das plantas medicinais, desconhecidas na Europa ocidental. Publicou uma valiosa obra, *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, editada em Goa em 1563, na qual retratou também a culinária do país (Belluzo 2010).

Essa obra foi traduzida em várias línguas na Europa, mas foi proibida a sua divulgação em Portugal, obedecendo, justamente, à política de sigilo estabelecida pela corte. O seu mérito só foi reconhecido alguns anos mais tarde (Belluzo 2010).

Um dos problemas das grandes viagens que culminaram nos descobrimentos era o da alimentação a bordo das naus. De facto, era algo preocupante e que em alguns casos atingiu grandes dramatismos, especialmente pelo tipo de alimentos que as embarcações poderiam manter em condições de serem consumidos nas longas viagens. A falta de alimentos frescos, a qualidade deficiente da água, o uso de alimentos conservados em salmoura, pelo fumo, pelo sol, pelo azeite ou por secagem eram a regra (Lopes & Frutuoso 1995).

Chegados aos novos locais, havia sempre a interrogação quanto à possibilidade de utilizar as plantas locais para a alimentação, porque nem sempre as conheciam e, naturalmente, haveria a saudade dos alimentos da cozinha tradicional europeia.

Era natural que, nas expedições, exploradores e navegadores levassem consigo sementes e propágulos de plantas que estavam habituados a consumir e que tivessem intenção de as fazer desenvolver nos novos locais, nem que fosse para aprovisionar outras viagens. Semeavam igualmente algumas sementes que se conservavam secas e em boas condições de germinação durante a viagem, para se alimentarem.

Por outro lado, em relação às plantas originárias do novo mundo, as condições ecológicas de Portugal e dos territórios que iam sendo descobertos ou conquistados eram diferentes, sendo natural que se levantassem problemas de adaptação das plantas aos novos meios.

Nesta troca de plantas, as ilhas da Madeira, de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe (em particular as primeiras) funcionaram como verdadeiros jardins de aclimação, desempenhando um papel fulcral, e servindo de ponto de encontro ou de passagem de plantas com origens bem diferentes. Embora situadas na região tropical, as ilhas de Cabo Verde têm um clima amenizado

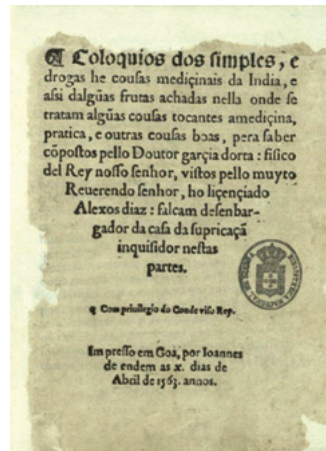


FIGURA 9 Colóquios dos Simples e Drogas da Índia, Garcia de Orta. Biblioteca Nacional de Lisboa



pela latitude relativamente elevada, dispendo de condições ecológicas particulares com o aumento da altitude. Portanto, as plantas das zonas temperadas adaptaram-se mais facilmente nestas ilhas, tendo-se aí criado, possivelmente, formas que depois puderam ser transportadas e introduzidas com menos riscos noutros locais mais quentes (Ferrão 1991).

Os navegadores que vinham da América deverão ter deixado em multiplicação, em Cabo Verde, plantas daquela região, que outra armada que se lhe seguisse levaria para o sul de África ou para a Índia, sendo que estas procediam do mesmo modo estabelecendo-se, assim, um circuito na troca e transporte de plantas. O arroz e o coqueiro passaram do Oriente para o Brasil através de Cabo Verde, e inversamente muitas espécies fruteiras brasileiras instalaram-se em Cabo Verde.

São Tomé e Príncipe, com características ecológicas distintas, também constituiu um ponto de passagem das armadas entre o Brasil e a Costa Africana, particularmente Angola. De passagem ou instalando-se e prosperando em São Tomé e Príncipe devido às condições ecológicas muito favoráveis, diversas plantas disseminaram-se por vários continentes. Exemplo disso são os inhames, as bananeiras e as especiarias vindas do Oriente a caminho do Brasil, sendo estas ilhas posteriormente as portas de introdução da cultura do cacau e do cafeeiro arábico.

Foi, sem dúvida, por via dos descobrimentos, o Continente Americano aquele que deu a conhecer aos europeus o maior e mais importante conjunto de plantas e foi o Continente Africano (sobretudo a sul do Sahara) aquele que, sob os pontos de vista agrícola, alimentar e nutricional, mais beneficiou desta troca de plantas entre continentes. Na tabela 1 estão listadas as principais plantas intervenientes no intercâmbio entre continentes.

Europa (originárias ou não*)	América	Ásia	África
Videira	Milho	Especiarias	Milho-miúdo
Cana-sacarina *	Feijão	Chá	Café
Oliveira*	Tomate	Arroz	Inhame
Café*	Batata	Cana-de-açúcar	Malagueta
Trigo*	Bata -doce	Coqueiro	Palmeira-dendém
	Mandioca	Citrinos	Melancia
	Cacau	Manga	
	Tabaco	Banana	
	Amendoim	Gengibre	
	Girassol		
	Abóbora		
	Ananaseiro		
	Quineira		

TABELA 1 Algumas das plantas intervenientes no intercâmbio entre continentes.

* Embora não tendo origem na Europa, foram os europeus que difundiram estas plantas pelas suas colónias.

4 INTERCÂMBIO DE PLANTAS ENTRE CONTINENTES

4.1 PROVENIENTES DA EUROPA (ORIGINÁRIAS OU NÃO)

A primeira viagem de Cristóvão Colombo à América, realizada em 1492, foi essencialmente marcada pela descoberta de novas terras. Na segunda viagem, ao lado das armas, os Espanhóis levaram nos seus barcos: *“Sementes, ferramentas de trabalho, alguns cavalos e tantas outras coisas que podiam multiplicar”*.

Nesta segunda expedição, ao passar na ilha Gomera (Canárias), onde permaneceu alguns dias, “embarcou bezerras, cabras, ovelhas, porcas, galinhas, “sementes de laranjas, limões, cidras, melões e outras classes de hortaliças”. O objetivo dos Espanhóis, nesta fase inicial de contacto com o Novo Mundo, era fazer uma *“colonización americana”* com base na agricultura. Por isso, facilitaram a emigração para a América de agricultores e de alguns presos, a quem era perdoada a pena. A todos eram distribuídas terras, grãos de trigo e sementes de outras plantas destinadas fundamentalmente ao seu sustento, enquanto não as obtivessem a partir dos alimentos que iriam produzir (Ferrão *et al.* 2008).

O contacto com as plantas americanas fez desinteressar os colonos pela cultura do trigo a que estavam mais habituados, passando a dedicar-se ao cultivo de plantas locais. Entre elas deram muita importância ao milho-americano (*Zea mays* L.), que os nativos já cultivavam, por ser muito mais rentável *“porque de cada grão nasce uma cana e cada cana tem três maçarocas e de cada uma delas saem sementes e às vezes até oitocentos grãos. Isto é, de cada grão semeado colhem-se cerca de 1500 grãos”* (Ferrão 2020).

O Padre Bartolomeu de Las Casas, missionário dominicano do século XVI, que se dedicou à causa indígena, em defesa da vida, da liberdade e dignidade dos Índios, ao descrever o que observou na ilha Isabela, referiu que apenas cerca de 20 anos após a chegada dos Espanhóis já encontrou uma agricultura feita pelos colonos, bem instalada. Conta também que colhiam trigo que era bom e as fruteiras que tinham ido da Europa como laranjeiras, limoeiros, cidras, romãzeiras e figueiras *“hacían tal variedad y tal calidad*



FIGURA 10 Plantação de cana-de-açúcar. Escravos cortando a cana-de-açúcar. Kossmann et al. 2019

de frutos que ningún lugar del mundo conocido hasta entonces se habían visto ni logrado” e “había imensas uvas de que non hacia vino» porque «se las comían todas», fizeram «huertas, viñas, algodonaes, olivares” (cit. por Castro & de-Pozas, 1968), La agricultura de los Reinos Españoles en tiempo de los Reyes Catolicos) (Ferrão et al. 2008).

No Brasil, os Portugueses procederam de modo semelhante aos Espanhóis. Os colonos provenientes da Europa instalaram uma agricultura que, por um lado, pretendia assegurar a sua alimentação, por outro, instalaram culturas de rendimento garantido, nomeadamente o trigo, que se destinava ao abastecimento do Reino tão carecido deste cereal, e a cana-sacarina, a cultura de rendimento por excelência nesse tempo.

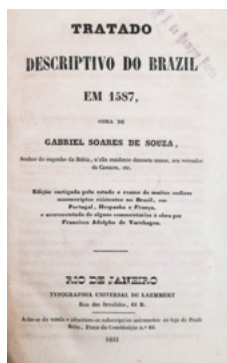


FIGURA 11 Tratado Descrittivo do Brazil, 1585, Gabriel Soares de Souza.

Interessante será referir que foi sobretudo a cana-sacarina e o açúcar que financiaram os Descobrimientos Portugueses. O Infante D. Henrique viu no açúcar uma fonte de financiamento e, por isso, apesar das excelentes condições que existiam na ilha da Madeira para o trigo tão necessário ao aprovisionamento do país, por volta de 1425, deu prioridade à cultura da cana-sacarina nessas terras mais quentes, onde seria realizada na expectativa de um maior e mais rápido desenvolvimento. Foi naturalmente motivado pelos preços que o açúcar atingia nos mercados ricos do norte da Europa. Desse modo, os resultados monetários obtidos com a produção de cana-sacarina foram o suporte para os Descobrimientos (Ferrão 2005).

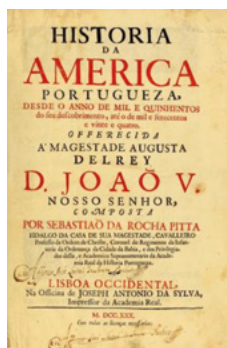


FIGURA 12 História da America Portuguesa, 1730, Sebastião da Rocha Pitta

É extensa a lista de plantas idas do Reino que os portugueses introduziram no Brasil. Entre outros, Gabriel Soares de Souza em 1587, que escreveu o *Tratado Descrittivo do Brazil*, e Sebastião da Rocha Pitta em 1730, que escreveu a *História da America Portuguesa*, enumeraram um número tão impressionante que poderia dizer-se que se levaram para o Brasil todas ou praticamente todas as plantas cultivadas no Reino, com diferentes objetivos. Gabriel Soares de Souza, um agricultor culto que se dedicou fundamentalmente à cultura da cana-sacarina na região da Bahia, reuniu uma soma enorme de informações sobre as plantas que foram introduzidas e a forma como se adaptaram. Os Portugueses introduziram o arroz asiático no Brasil, não estando esclarecido se a partir do Reino ou se diretamente do Oriente, e a bananeira-fruta, a partir da ilha de S. Tomé. As bananeiras constituíram uma contribuição muito positiva para os povos americanos e, por isso, rapidamente difundiram a planta pelas regiões onde o clima o permitia (Ferrão et al. 2008).

4.2 ORIGINÁRIAS DA AMÉRICA

O Continente Americano foi sem dúvida o que deu a conhecer aos europeus o conjunto mais numeroso e importante de novas plantas. Abacateiro, amendoim, batata-doce, batateira, baunilha, cacaueteiro, feijoeiro, girasol, milho, quineira, tabaco e tomate são apenas alguns exemplos de plantas oriundas da América e difundidas pelo mundo (Ferrão 2005).

Das Américas vieram plantas que, introduzidas na agricultura do Velho Mundo, provocaram profundas modificações, entre outras, de ordem económica, nos hábitos alimentares e nas técnicas agrícolas que deveriam seguir-se para as cultivar.

A batata e o milho, que com o tempo se tornaram das maiores protagonistas da agricultura europeia e de outras regiões do Velho Mundo, competindo e destronando muitas das que até aí constituíam a base da agricultura, são exemplos bem significativos.

Saiu também da América o recurso que possibilitou aos europeus uma grande vantagem no paulatino domínio do continente africano. As quineiras (*Cinchona calisaya* Wedd. e *Copaifera officinalis* L.), árvores de onde se extrai da casca o mais eficaz remédio contra a malária, que tanto impossibilitou a expansão europeia nas terras quentes desde o tempo das cruzadas (cit. por Crosby, 1993, Imperialismo ecológico: A expansão biológica da Europa). O seu uso tornou-se conhecido dos europeus, que aprenderam com os indígenas, sendo disseminado, provavelmente, pelos jesuítas até mesmo nos confins do Oriente (Laws 2013).



FIGURA 13 Frutos do Brasil – Detalhe de uma gravura extraída de Voyage pittoresque et historique de Debret (1834) New York Public Library. Brandão 2016

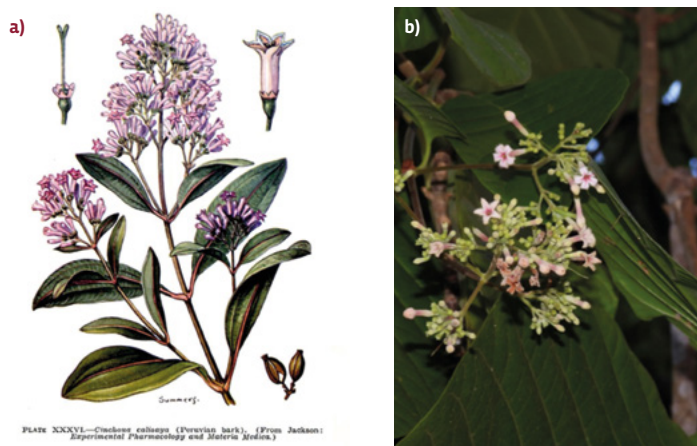


FIGURA 14 Quineira (*Cinchona calisaya* Wedd) Fontes: a) Platamed 2025, b) GBIF 2025.

A busca por plantas de propriedades terapêuticas e que também pudessem render avultadas somas quando comercializadas, levou os europeus a espalharem-se pelo mundo, através dos seus navios e rotas comerciais. Uma das plantas que era amplamente utilizada em quase todo o continente americano pelos povos indígenas era o tabaco (*Nicotiana tabacum* L.). Inicialmente, o seu uso foi difundido por se acreditar nas suas propriedades terapêuticas (Bracht & Santos, 2011).



FIGURA 15 Tabaco (*Nicotiana tabacum* L.) Fontes: a) Meisterdrucke 2025a. b) POWO 2025a

O padre jesuíta português Fernão Cardim (1548?-1625), missionário e escritor português, refere-se ao tabaco nos seus textos, como: “(...) é uma das delícias, e mimos desta terra, e são todos os naturais, e ainda os portugueses perdidos por ela, e têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados nas redes a beber fumo (...)” (Santos et al. 2013).



FIGURA 16 Rodrigo de Jerez, navegador espanhol, que seguiu na armada de Cristóvão Colombo recebe as folhas de tabaco de um nativo. Wikipedia 2025b



FIGURA 17 Jean Nicot oferece a planta do tabaco a Catarina de Médicis (Caterina de Médici) e ao Grande Prior da Casa de Lorena. Século XVI. Gravura do séc. XIX

Os europeus tiveram contato com a planta do tabaco pela primeira vez em 1492, quando Cristóvão Colombo chegou à América. Segundo historiadores, em novembro daquele ano, os europeus conheceram o hábito indígena de fumar.

No entanto, foram necessárias quase quatro décadas para que a planta chegasse à Europa. Em 1530, o tabaco passou a ser cultivado pela família real portuguesa, inicialmente, com finalidades medicinais.

Foi desta forma que a planta chegou a França, em 1560. O então embaixador francês em Portugal, Jean Nicot, oferece o tabaco à rainha Catarina de Médicis para tratamento da sua enxaqueca. Ela teria dado início ao hábito de fumar, que foi rapidamente difundido entre a nobreza francesa e, posteriormente, entre os demais países da Europa.

4.3 ORIGINÁRIAS DA ÁSIA

Tal como sucedeu nas terras de clima temperado, também houve troca de plantas entre as diferentes partes do mundo tropical. Entre o Sul da Ásia e a parte oriental do continente africano, quer pela contiguidade, quer pela proximidade, quer pelas ligações marítimas que já eram relativamente frequentes, muitas plantas foram trazidas do Oriente e já eram conhecidas no continente africano na época dos Descobrimentos, entre elas alguns “milhos”, o coqueiro (*Cocos nucifera* L.), a “árvore providencial” de que tudo se aproveita e é suficiente para manter um homem e os citrinos que os Portugueses tanto procuraram para curar do escorbuto as pessoas que iam nas expedições. O relato da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia refere várias plantas de origem asiática já instaladas na costa oriental africana (Ferrão *et al.* 2008).

Após a chegada dos Portugueses ao Oriente, muitas plantas foram levadas para África e para o Brasil, entre as quais merece uma referência muito especial a introdução das especiarias orientais na costa ocidental africana, ilhas de S. Tomé e Príncipe e Brasil, que deve ter ocorrido pouco tempo depois da chegada dos Portugueses à Índia, e devem-se ter dado muito bem na maioria dos locais onde foram introduzidas. Em particular, existem notícias do comportamento muito favorável do gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), que se multiplicava muito facilmente pelos pedaços de rizomas que ficavam no terreno aquando da colheita.



FIGURA 18 Coqueiro (*Cocos nucifera* L.) Fontes: a) Meisterdrucke 2025b. b) POWO 2025b

Duarte Ribeiro de Macedo (1817) dá notícia de que, ainda no reinado de D. Manuel, foi proibido promover o cultivo de “*drogas*” da Índia no Brasil, para não prejudicar o comércio das especiarias da Índia, e consta que as plantações realizadas ainda no século XVI foram punidas com pesadas penas ou simplesmente arrasadas. Bem se sabe que as determinações provenientes do Reino, pela distância e pelo tempo que levavam a chegar e a ser conhecidas nesses territórios, nem sempre foram rigorosamente respeitadas (Ferrão *et al.* 2008).

Perdidas para Portugal as terras do Oriente, onde se produziam as especiarias, principalmente no período Filipino e em alguns anos posteriores, procurando reconstituir um “*Império*” português das especiarias orientais no Brasil, por estar mais seguro dos interesses de outros povos europeus e obedecendo a instruções régias, foram mandadas para o Brasil sementes e plantas das especiarias orientais em “*celhas*”, conforme se encontra registrado nos Livros das Monções e outros documentos (Ferrão *et al.* 2008).

O cuidado e o secretismo para vencer as dificuldades que os países europeus ocupantes dessas terras colocavam, e procurando não deixar sair sementes ou propágulos, constitui um episódio interessante da História dos Descobrimientos (Almeida, 1975).

Nestas operações, os missionários portugueses tiveram enorme importância. Muitas plantas foram introduzidas pelos Jesuítas nas cercas dos seus colégios. Ainda em 1707, este desejo é relatado. Durante o governo de Luís César de Menezes, chegou à Bahia Frei João de Assunção, religioso missionário da Ordem de S. Francisco, cuja principal incumbência era a “*prática da cultura das árvores da canela*” (Ferrão *et al.* 2008).

A “*febre do ouro*” comprometeu o desenvolvimento de toda a agricultura brasileira, que só começou a reafirmar-se com as medidas tomadas por Marquês de Pombal. Para além da cana-sacarina (*Saccharum officinarum* L.), do arroz (*Oryza sativa* L.), dos citrinos (*Citrus* spp.) e das bananeiras (*Musa* spp.), ou pelo menos de algumas bananeiras, que passaram pelo Mediterrâneo, deve fazer-se uma referência especial à mangueira (*Mangifera indica* L.), levada provavelmente pelos missionários para o Brasil e que aparece referida nalguns dos seus escritos como fazendo parte das quintas que estavam associadas às suas Missões (Ferrão *et al.* 2008).



FIGURA 19 Mangueira (*Mangifera indica* L.).
Fontes: a) Meisterdrucke 2025c. b) Jardins 2022.

4.4 ORIGINÁRIAS DE ÁFRICA

A introdução de plantas africanas, quer no Oriente, quer no Brasil, foi muito limitada, porque a agricultura africana nesse tempo não tinha plantas que superassem em interesse as que já se conheciam na Ásia e na América. Apenas passaram por algumas ilhas africanas, povoadas na época dos Descobrimentos e que serviram de entreposto a várias plantas de origem asiática, entre outras a cana-sacarina, que passou pelo menos pela ilha de S. Tomé, o coqueiro ou noz-da-índia (*Cocos nucifera* L.), pelas ilhas de Cabo Verde, possivelmente também o arroz-asiático e as bananeiras, que foram da ilha de S. Tomé para o Brasil e levadas das Canárias ou Sul de Espanha pelos Espanhóis para a América Central, e a palmeira-dendém, «milhos» e inhames para alimentar os escravos (Ferrão *et al.* 2008).

O Conde de Ficalho, nos finais do século XIX, ao estudar em pormenor a flora africana desse tempo, ficou surpreendido ao verificar que a maior parte das plantas úteis aí existentes eram de origem estranha ao Continente, algumas introduzidas em épocas mais ou menos remotas e constantemente se interrogava como teriam vivido e alimentado os africanos do sul do Sara antes de as conhecerem e delas tirarem partido, quase sempre numa intensidade tal que superaram as daí naturais (Ferrão 2005).

Em 1966, Gourot exprimindo o mesmo pensamento por outras palavras afirma que “o sucesso das plantas americanas foi tal que a raça negra morreria hoje de fome sem a mandioca e o milho” (Ferrão 2005).

5 CONCLUSÕES

A contribuição dos portugueses e dos espanhóis neste conhecimento e troca de plantas foi muito importante, basta analisar o interesse socioeconómico que muitas daquelas que se introduziram têm hoje em locais fora da sua região de origem.

De facto, com os Descobrimentos, conheceram-se novas plantas, algumas das quais vieram com o tempo a assumir uma importância enorme nos locais onde foram introduzidas, de tal modo que modificaram a economia das regiões, provocaram alterações mais ou menos profundas nas técnicas agrícolas e nos hábitos alimentares de extensas regiões do globo.

Pode concluir-se que os Descobrimentos portugueses estabeleceram as bases da Agricultura Moderna, pois foi através da introdução e adaptação das plantas em regiões fora da sua área de ocorrência natural que foi possível criar novas opções alimentares associadas à monocultura altamente produtiva. Os portugueses foram grandes agentes na distribuição de espécies alimentares e com surpreendente eficiência.

A globalização foi tal que provavelmente muitos portugueses que apreciam batatas, com um bom bacalhau e hortaliças, não sabem e até nem acreditam que a batata não é portuguesa. Também não será tarefa fácil explicar a um italiano que só há menos de duzentos anos é que o *spaghetti* leva molho de “*pomodoro*”.

A experiência adquirida e a investigação que se realizou ao longo de séculos, neste intercâmbio de plantas e as suas adaptações, constituem um património inestimável que não pode ser esquecido de modo algum, nomeadamente nos tempos que correm, em que as necessidades em alimentos aumentam, em particular nos países mais pobres.



FIGURA 20 Bacalhau com batatas e massa com molho de pomodoro.

Não há dúvida que as plantas têm tido um papel central na história mundial, mas não nos podemos esquecer que o curso da História é sobretudo alterado pela forma como o Homem usa as plantas, ou até abusa e lucra com elas.

Atualmente ouvimos falar muito em plantas invasoras, que introduzidas em novos locais são uma enorme ameaça às plantas nativas, competindo pelo habitat e recursos naturais. Essas plantas causam prejuízos avultados em todo o mundo, mas este é um tema vasto, que não cabe na temática aqui desenvolvida e que daria lugar a um outro artigo.

Em Portugal, o Professor José Eduardo Mendes Ferrão (Arganil, 1928) tem sido um grande estudioso e divulgador desta temática tão importante na História dos Descobrimentos.



A época áurea dos descobrimentos produziu um conjunto magnífico de informações e conhecimentos que, passadas várias centenas de anos, continua a ser a base de uma investigação enriquecedora que, quanto mais avança, mais impressiona.”



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida & Rech (2005). A pimenta malagueta no Brasil colonial: interação entre africanos e indígenas. Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.

Almeida LF (1975). Aclimatação de plantas do Oriente no Brasil. Revista Portuguesa de História, Tomo XV, 441-475.

Arquivo Nacional Torre do Tombo. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/registo-da-memoria-da-mundo/>. Acesso a 21 de janeiro de 2025.

Belluzo R (2010). Nem garfo, nem faca: à mesa com os cronistas e viajantes. Editora Senac, São Paulo.

Bracht F & Santos, CFM (2011). A disseminação e uso das plantas do Novo Mundo no século XVI: A difusão de elementos da flora americana a partir da expansão marítima europeia. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo.

Brandão MGL (2016). Plantas úteis do Brasil na obra de Auguste de Saint-Hilaire. Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), édité par Denis Lamy *et al.* Publications scientifiques du Muséum.

Beinart W & Midleton K (2009). Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. Topoi, 10(19), 160-180.

Carvalho LM (2019). As plantas e os portugueses. Património, tradição e Cultura. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa. 112p.

Cerati TM (2006). Jardins Botânicos e Biodiversidade. Instituto de Botânica (Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente). Curso de Capacitação de monitores e educadores, São Paulo.

Cruz P (2015). Marinha de Guerra Portuguesa. Disponível em: <https://marinhadeguerraportuguesa.blogspot.com/search?q=O+interc%C3%A2mbio+de+madeira+do+Brasil>. Acesso a 7 de março de 2025.

Ferrão JEM (2020). As plantas e a Alimentação Mundial. Fundação Francisco Manuel dos Santos. 180p.

Ferrão JEM, Caixinhas ML & Liberato MC (2008). A ecologia, as plantas e a interculturalidade. Em: Livro Portugal: Percursos da interculturalidade. Volume I, Capítulo III. Coleção Portugal Intercultural. Estudos Históricos sobre o Intercâmbio de Povos e Culturas.

Ferrão JEM & Loureiro RM (2006). Plantas viajantes: o legado do novo mundo. Catálogo da Exposição Plantas Viajantes – Cores e Sabores do Novo Mundo, Centro Cultural de Lagos.

Ferrão JEM (2005). A aventura das plantas e os descobrimentos dos portugueses. Lisboa: IICT, CNCDP, FJB, 3rd ed. ISBN nº 972-672-964-5 (IICT). 287p.

Ferrão JEM (1991). Os descobrimentos e as plantas: A peregrinação de algumas fruteiras tropicais. *Agros*, 1, 49-57.

Filgueiras T & Peixoto L (2002). Flora e vegetação do Brasil na Carta de Caminha. *Acta Botanica Brasílica*, 16.

GBIF (2025). Disponível em: <https://www.gbif.org/pt/species/2901375>. Acesso a 19 de março de 2025

Jardins, Revista (2022). Disponível em: <https://revistajardins.pt/mangas-caracteristicas/tropical-fruit-with-mango-name/>. Acesso a 20 de março de 2025.

Kossmann M *et al.* (2019). Anais I Simpósio de História, Ensino e Pesquisa: liberdade em foco.

Laws B (2013). 50 plantas que mudaram o rumo da História. Tradução de: Fifty plants that changed the course of history, por Ivo Korytowski. Sextante, Rio de Janeiro. 224 pp.

Lopes A & Frutuoso E (1995). A vida a bordo nas naus da carreira da Índia. Disponível em: <https://nautarch.tamu.edu/shiplab/projects%20ir%20vidaabordo1.htm>

Meisterdrucke (2025a). Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Unbekannt/938951/Planta-de-tabaco,-Nicotiana-tabacum,-Tabac.html>

Meisterdrucke (2025b). Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Unbekannt/939920/Coqueiro,-Cocos-nucifera.html>

Meisterdrucke (2025c). Disponível em: <https://www.meisterdrucke.ie/fine-art-prints/Austrian-School/853819/Mangifera-indica.html>

Plantamed (2025). Disponível em https://www.swsbm.com/Images/New10-2003/Cinchona_calisaya-2.jpg. Acesso a 22 de maio de 2025.

Pitta SR (1730). História da América Portuguesa. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/historia-da-america-portuguesa.pdf>

POWO (2025). Plants of the World Online. Disponibilizado pelo Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/>. Acesso a 20 de março de 2025.

POWO (2025a). Plants of the World Online. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/817077-1>. Acesso a 20 de março de 2025.

POWO (2025b). Plants of the World Online. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:666160-1> Acesso a 20 de março de 2025.

Santos CFM, Bracht F & Conceição GC (2013). Esta que “é uma das delícias, e mimos desta terra...”: o uso indígena do tabaco (*N. rustica* e *N. tabacum*) nos relatos de cronistas, viajantes e filósofos naturais dos séculos XVI e XVII. *Revista de História*, 26, 119-131.

Sousa MJ (2021). Uma Leitura Biopolítica de Pinturas da História do Brasil. *Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura*, 10, 55-68.

Souza GS (1587). Tratado Descritivo do Brazil. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?4500009022&bbm/4795#page/4/mode/2up>

Veiga A (2021). Pero Vaz, Bento Teixeira, Nísia Floresta: como começou a literatura no Brasil. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/24/artigo-pero-vaz-bento-teixeira-nisia-floresta-como-comecou-a-literatura-no-brasil/>. Acesso a 10 de fevereiro de 2025.

Wikipedia (2025a). Cronologia dos descobrimentos portugueses. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_dos_descobrimentos_portugueses. Acesso a 7 de março de 2025.

Wikipedia (2025b). Rodrigo de Jerez. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo_de_Jerez. Acesso a 18 de março de 2025.